

O GÊNERO/SEXO E O ALTEAMENTO /o/ > [u] EM POSIÇÃO TÔNICA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ/NE DO PARÁ: UM RECORTE AMPLIADO

Dorivaldo Rodrigues
UEPA/CANTINS²

RESUMO: *Aborda-se a relação entre o fator gênero/sexo e o alteamento /o/ > [u] em posição tônica no português falado no município de Cametá, a partir dos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista (Labov, 1983). Estabelecidos os cruzamentos com os fatores procedência (zona urbana e zona rural), escolaridade (analfabeto, ensino fundamental, ensino médio) e faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos, 46 em diante), explica-se o porquê de o alteamento em apreço ser estigmatizado tanto por homens quanto por mulheres. Observa-se que a escolarização e a urbanização, insensíveis às diferenças socioculturais, têm atuado no sentido de desprestigiar o que não seja considerado padrão, contribuindo para com a constrição do preconceito linguístico. O corpus é constituído de 72 informantes, estratificados socialmente.*

Introdução

Estudar a língua em uma perspectiva variacionista, segundo os pressupostos teóricos da sociolinguística (Labov, 1983), pressupõe uma estreita correlação entre variáveis lingüísticas e sociais, a fim de se compreender como a sociedade interfere no uso da linguagem verbal, muitas vezes pressionando os falantes para que adotem posturas de repressão frente com variantes lingüísticas oriundas de dialetos interioranos, como é que se observa quanto ao alteamento /o/ > [u] ([ˈbota] > [ˈbutu]) em sílaba tônica no município de Cametá, nordeste do Estado do Pará.

² Mestre em Linguística pela UFPA. Docente do Campus Universitário do Tocantins/Cantins - UFPA.

O presente trabalho, um recorte, com ampliação¹¹, na dissertação de mestrado *Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /a/ > [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense-uma abordagem variacionista* (2005), trata justamente de verificar a atuação de um fator da sociedade, a variável *gênero/sexo*, sobre a presença do alteamento em posição tônica.

A partir de cruzamentos com os fatores *procedência* (zona urbana e zona rural), *escolaridade* (analfabeto, ensino fundamental, ensino médio) e *faixa etária* (15 a 25 anos, 26 a 45 anos, 46 em diante), explica-se o porquê de a variável dependente em apreço ser estigmatizada tanto por homens quanto por mulheres no município de Cametá, compreendendo-se como a escolarização e a urbanização, sem levar em consideração as diferenças socioculturais, têm atuado entre aqueles no sentido de afastá-los de qualquer marca de identidade linguística que não seja considerada *padrão*, contribuindo para com a construção do preconceito linguístico, levando cada vez mais o amazônida a perder espaço social diante de uma sociedade que não considera o diferente. Nunca é demais lembrar que a extinção de uma língua ou de um dialeto, como os do interior da Amazônia presentes no nordeste do Pará, o que pode ser previsto probabilisticamente a partir da correlação *faixa etária* e *gênero/sexo*, nada mais é que *uma metáfora atenuante para dizer que seus falantes nativos se extinguíram* (Wetzels, 1995, p.24).

¹¹ No decorrer da pesquisa, verificou-se o não favorecimento do fator *gênero/sexo*, quanto ao fenômeno em exame, pelo programa estatístico VARBRUL, motivo pelo qual, naquele momento, não se estabeleceu nenhum cruzamento com os demais fatores analisados como possibilidades de explicação para a variável dependente. Entretanto, ressalta-se que, diante dos resultados apresentados pelo programa, foram tecidas algumas considerações, as quais estamos acrescentando as obtidas em decorrência do cruzamento, neste trabalho, da variável *gênero/sexo* com os fatores *escolaridade*, *faixa etária* e *procedência*, a fim de se investigar com maior profundidade a atuação do gênero no desfecho do alteamento /a/ > [u] em posição tônica, limitando-nos, pois, a esse objetivo. De um modo geral, durante a execução da pesquisa levada a efeito em Cametá, trabalhamos com quatro variáveis sociais (*escolaridade* - analfabeto, ensino fundamental, ensino médio; *sexo* - masculino, feminino; *faixa etária* - 15 a 25 anos, 26 a 45 anos, 46 anos em diante; *procedência* - zona urbana, zona rural) e nove variáveis linguísticas (*monosílabo livre* à *não-monosílabo livre*; *natureza da consoante do onset* em que incide o fenômeno; *natureza da coda* em que incide o fenômeno; *posição no grupo de força*; *classe gramatical*; *quantidade de sílabas da palavra*; *posição da tônica* no vocábulo; *função de base* que o vocábulo integra no grupo de força; *natureza da intensidade*), bem como realizamos cruzamentos entre algumas dessas variáveis.

1. O Alçamento /o/ > [u]: breves notícias

No Brasil, de um modo geral, os estudos sobre o alçamento /o/ > [u] tem-se dado mais especificamente em posição pré-tônica. Em comunicação pessoal, a professora Yvonne Leite (UFRJ) expôs que o fenômeno em posição tônica constitui-se importante objeto de estudo, muito pouco explorado. É possível, entretanto, obtermos notícias sobre esse alçamento a partir de Silva Neto (1977)²⁴, para quem a passagem de /o/ tônico a /u/ constitui-se um traço fonético dos paraenses, podendo ser explicado como sendo de influência ageriana, pronúncia de aglotas nativas²⁵ ou como movimento no interior do próprio sistema fonológico da língua.

É necessário agora referir um traço fonético dos paraenses e amazzonenses, isto é, do extremo norte do país. Atribui-se-lhes, precisamente, a fase 'uma oitava acima de crua de juqui a pua' – ou seja a passagem de o tônico a u. Para esse câmbio tem-se oferecido várias explicações: possibilidade de influência ageriana, pronúncia de aglotas nativas, e, finalmente, movimento dentro do próprio sistema fonológico da língua (Silva Neto, 1977, p.168).

Em nota de rodapé, Silva Neto (1977) expõe, a partir de consultas feitas ao Prof. Cónego Apio Campos – ex-docente de Linguística da UFPA –, que essa passagem de /o/ tônico a /u/ acontece intensamente na região “dos rios” do Estado do Pará, mais precisamente nas terras que povoam o rio Tocantins, onde a população, segundo Silva Neto, consta de brancos e mestiços. É nas margens desse rio que se encontra justamente o município de Cametá, com suas ilhas, setor de estradas e zona urbana.

Já Franco de Sá (...) chamou atenção para essa pronúncia. Graças ao Prof. Cónego Apio Campos, a quem agradeço, posso apresentar alguns esclarecimentos. O Pará, grosso modo, divide-se em três regiões distintas. A primeira é a região chamada de “estrada de ferro” e compreende a faixa situada entre Belém e Bragança, onde uma densa camada de imigração nordestina suplantou as

²⁴ O célebre professor tem servido de fonte primária de informação para importantes estudos sobre o alçamento /o/ > [u] em posição tônica no Pará, como os de Cassique (2003) e Assunção & Costa (2003).

²⁵ Tal hipótese apoiava-se em Nascimentos, no seu *O Idéote Nacional* (1965), cf. p.258.

primitivas características dialetais, pondo na boca dos falantes um modo falar do nordeste. A segunda é a região "do Salgado" que atinge o pequeno litoral marítimo do Pará. A terceira é a região "dos rios"; essa é a área onde se troca o sêcio por u (por exemplo, no Tocantins). A base humana consta de brancos e mestiços; precisa ser estudada (Silva Neto, 1977, p.168).

Sobre o alicamento anteriormente descrito, Martinet (1974), adotando uma explicação estritamente estrutural, no sentido de que a mudança que se operava em um ponto do sistema afetava outros elementos desse mesmo sistema, ocasionando um verdadeiro rodízio de formas no seu interior, noticiá-nos que no dialeto de São Miguel, nos Açores, estabelecida uma comparação com o português metropolitano, um /u/ tinha passado a /u/. Para o autor, essa mudança decorreria de fatores de ordem comunicativa, permanecendo, numa abordagem funcionalista, os elementos que melhor favorecessem a compreensão mútua, isto é, aqueles que se constituíssem em oposições fonológicas úteis:

coincidentes en las demás condiciones de oposiciones fonológicas, se mantendrá mejor aquella que es más útil para la comprensión mutua que aquella otra que lo es menos. Por supuesto, el mantenimiento de una y la eliminación de otra de dichas oposiciones no son el resultado de una decisión voluntaria por parte de los hablantes, sino que resultan del juego normal del intercambio lingüístico, que favorece a los rasgos útiles a expensas de aquellos otros que lo son menos (Martinet, 1974, p.59).

Assim, em São Miguel, quando um /u/ passou a /ü/, favoreceu-se que um /u/ ascendesse a /u/, de modo que o lugar daquele (/u/) não ficasse vazio no sistema, provocando também a passagem de /j²⁴/ a /u/ e de /u/ a /j/, de maneira que a vaga de cada fonema, realizado como outro, não permanecesse vazia. Houve, pois, uma pressão estrutural no interior do sistema, influência, talvez, de elementos da estrutura silábica, como onset e coda²⁵, afetando as realizações vocálicas no seu interior.

²⁴ O presente símbolo será utilizado neste trabalho para representar a vogal média posterior aberta.

²⁵ A sílaba em Português pode apresentar uma margem crescente (uma consoante ou grupo consonantal - o onset), obrigatoriamente um núcleo (sempre uma vogal), como também pode apresentar uma margem decrescente (consoante e/ou semivogal - coda).

A comparación con el portugués metropolitano muestra que /u/ ha pasado a /ü/, /o/ a /u/ (grifei), /j/ ha ascendido hacia /u/ aunque sin haber llegado siempre a dicha posición, y /o/ ha tomado un valor posterior "interdente a ó abierta" (...) La influencia poderosa del portugués metropolitano ha sido la causa de algunas perturbaciones. Parece claro, en todo caso, que há sido /u/ ao passar a /ü/ el que abrió la marcha, atrayendo en seguida a /o/, después a /j/ y, finalmente, a /u/, el último en ponerse en movimiento (grifei). El proceso puede representarse por medio del siguiente esquema:

$a \rightarrow j \rightarrow o \rightarrow u \rightarrow$

(Martinet, 1974, p.73).

Nascentes (1965), procurando explicar, pelo viés antropológico, as transformações ocorridas no Português do Brasil, já havia exposto que esse uso de [u] em lugar de /o/ fechado, no Pará (também já percebido por ele nos Açores), tão bem descrito por Silva Neto (1977), deveria ser atribuído a influência tupi, cuja força abrangeria o nordeste e o norte do Brasil, desde Alagoas e Sergipe ao Amazonas. Segundo Gonçalves Viana,

a influência que o tupi (...) exerceu no português é indubitável, e predominou durante largo tempo (...). É certo que essa influência perdeu já quase de todo a sua ação, e cada vez se vai fazendo sentir menos; é porém inegável não só no léxico e nas províncias que o português adquiriu lá (trata-se do Brasil - grifei), mas em vários fenômenos síntáticos, que por outro modo dificilmente se explicariam (apud Nascentes, 1965, p.258).

Embora não nos detenhemos numa abordagem diacrônica do fenômeno objeto deste trabalho, a fim de verificar como se deu a evolução do mesmo, enquanto substrato tupi, no Português falado em Curitiba, não se pode negar a percepção de Nascentes quanto ao fato de o acento em questão ser marca de identidade de uma região, de um povo.

A zona principal da influência tupi abrange o nordeste e o norte, de Alagoas e Sergipe ao Amazonas, onde ainda é língua viva. Na fonética pode-se atribuir ao tupi: o u em lugar de o fechado que se nota no falar do Pará, (como também nas Açores alíis) e que aparece no tupi amazônico (Nascentes, 1965, p.259).

Eis, pois, o que, dentre tantas outras vozes, relata-se sobre o fenômeno em exame. Têm-se notícias, portanto, sobre o alçamento /a/ > [u] em posição tônica²⁸.

2. O Gênero e a Linguagem

As pesquisas de cunho sociolinguístico quantitativo têm demonstrado que as mulheres são as que mais realizam variantes de maior prestígio e mais sensíveis ao valor social de determinadas formas linguísticas (cf. Fischer, 1958, *apud* Paiva, 2003). Ressalte-se ainda que para se analisar a correlação gênero/sexo e a variação linguística tem se postulado a necessidade de se fazer referência não somente ao prestígio atribuído às variantes sociais, mas também à forma de organização social de determinada comunidade de fala (cf. Paiva, 2003), haja vista que sociedades em que as mulheres já desempenhem uma participação mais ativa possam tê-las mais favoráveis a mudanças linguísticas do que as que habitam a zona rural, onde ainda pode estar prevalecendo uma participação mais familiar no meio social, cuidando da criação da prole e dos afazeres domésticos, *tomando para si a carga de transmissão de normas de comportamento, dentre elas a linguística* (Paiva, 2003, p.40).

A maior consciência feminina ao status social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social (Paiva, 2003, p.40).

Observa-se também que o processo de escolarização tem atuado de forma mais significativa sobre as mulheres, sendo essas mais receptivas à atuação normativa da escola e, portanto, mais propensas a incorporar os modelos linguísticos (cf. Paiva, 2003). Do ponto de vista da faixa etária, tem-se creditado às mulheres mais velhas o uso de variante padrão, uma vez que as mesmas podem ter vivenciado uma forma de organi-

²⁸ Para mais detalhes sobre o que se fala sobre o alçamento /a/ > [u], quer na tônica quer na pré-tônica, remeto o leitor, inicialmente, para Calmon & Leite (1999), Câmara Jr. (1970), Nunes (1960), Saif Ali (1964), Cruz (1992), Vieira (1983), Casique (1995, 2001, 2002), Rodrigues (1998).

ção social em que à mulher cabia desempenhar apenas seu papel de mulher, delas se esperando boas atitudes, como o uso de uma linguagem “mais correta”. Fica, no entanto, a ressalva de que a relação entre o linguístico e a variável sexo deva ser observada a partir da organização social de cada sociedade.

Alves (1993), ao tratar da diferenciação sexual na linguagem, principalmente no que se refere aos tabus verbais, expõe que não há uma determinação inata que justifique uma repugnância feminina por formas linguísticas relativas, por exemplo, à grosseria ou à obscenidade. A questão estaria relacionada à educação, quando as mulheres, em tenra idade, estariam sujeitas a uma pressão social para desempenharem o papel de damas, ao passo que os homens deveriam ser fortes, podendo, portanto, usar gírias e palavrões a fim de reforçar sua masculinidade. Isso nos permite afirmar que os valores que homens e mulheres possuem atribuir a uma variante linguística não estão relacionados à essência de suas personalidades, não são fatos naturais, mas resultam de papéis sociais culturalmente aprendidos em uma sociedade que teima em não aceitar as diferenças dialetais.

Como um dado final nessa exposição, ressalte-se que pesquisas sociolinguísticas têm revelado (cf. Alves, 1993) que o discurso feminino é muito mais propício ao purismo linguístico, resultando mais em hiper-correções e, portanto, na utilização predominante da norma culta. Assim, as mulheres usariam com menos frequência formas estigmatizadas, preferindo as regras do padrão dominante. No dizer de Alves (1993, p. 10), *a preocupação maior da mulher em utilizar o padrão dominante, a norma, poderia ser atribuída à sua necessidade de elevar o seu status, a sua posição na sociedade: falar ‘bem’, de maneira ‘correta’ seria uma maneira de facilitar o acesso à palavra, ao poder, das quais o homem parece vir mantendo o monopólio.*

3. Do Lugar à Metodologia e o Fenômeno

Cametá situa-se na margem esquerda do rio Tocantins, a 174 km, aproximadamente, em linha reta, via fluvial, da capital do Estado do Pará, Belém – cerca de 10h de barco –, e a 156 km pelo eixo rodoviário²⁰

²⁰ De Belém a Carapajó (Distrito de Cametá situado no lado oposto da margem onde se encontra a cidade) há estrada. O deslocamento de Carapajó para a cidade de Cametá faz-se por meio de barcas (45 minutos de travessia); há travessia para carros por meio de balsas (cerca de 2h).

– próximo de 4h30min; por meio de pequenas aeronaves, 146km – em torno de 50min. Limita-se ao Norte com o município de Limoeiro do Ajuru, ao Sul com Mocajuba, a Leste com Igarapé-Miri e Mocajuba e a Oeste com Oeiras do Pará.

O município localiza-se na Mesorregião do Nordeste Paraense e na Microrregião Cametá, possuindo as seguintes coordenadas geográficas: 2°14'40"S e 49°29'45"W. Seu espaço físico é de 3.122 quilômetros quadrados e uma população de 97.624 habitantes, conforme o Censo 2000 do IBGE, sendo 40.417 habitantes na zona urbana (sede do município) e 57.207 na zona rural (ilhas e setor de estradas). A cidade é considerada patrimônio histórico, fundada a 24 de dezembro de 1635. Foi nesse município, pois, entre 2003 a 2005, que a pesquisa incidiu. E foram as orientações de ordem teórica da sociolinguística quantitativa laboviana (1983) que embasaram o presente trabalho. Investigando-se o fenômeno do alteamento /o/ > [u] em posição tônica numa perspectiva comparativista, são analisados, neste artigo, os resultados dos fatores *procedência, escolaridade e faixa etária*, correlacionando-os com os fatores linguísticos *a monotongação face à não-monotongação e a natureza da intensidade*. Para a realização das matematizações utilizamos o programa estatístico VARBRUL (Scherre & Naro, 2003).

O corpus colhido a 72 informantes, estratificados socialmente, resultou em 4.772 dados, reduzidos a 4.328. O corte em 444 dados, 9,3% de 4.772, fez-se para garantir a operacionalização do programa *Varb2000*, responsável pela geração de pesos relativos, uma vez que o mesmo só é possível de ser rodado quando o *Make3000* gera um arquivo constituído de no máximo 2000 células e 60 fatores. Com esse corte, obtivemos exatas 2000 células e 42 fatores. Esse corte deu-se em 37 dados iniciais de 12 informantes⁹⁰ (cerca de 24,6% de um universo um pouco acima de 150 ocorrências de cada informante), escolhidos aleatoriamente dentre aqueles que apresentaram mais de 150 ocorrências do alteamento em grupos de força.

De um universo de 4.328 manifestações da variável dependente, 1.834 ocorrências foram da presença de alteamento, um percentual de 42%, enquanto a sua ausência foi de 2.494 dados, um percentual de 58%. Pelo que se percebe, no Português falado no município de Came-

⁹⁰ Do ponto de vista linguístico, os dados iniciais são aqueles em que, geralmente, há uma maior tensão do informante no trato com a linguagem, podendo aí o veredicto não surgir com tanta naturalidade. Eis aí o porquê de se priorizar a retirada justamente nos dados iniciais dos 12 informantes.

há a ausência de alteamento /o/ > [u] é 16% maior que a sua presença (cf. Tabela 01), inferindo-se daí que o dialeto do *canua cheia de enos de pupa a prua* sofre um processo de apagamento como marca de identidade local. Em termos de peso relativo, a presença de alteamento equivale a .43, enquanto que sua ausência a .58. Ressalte-se que nossas análises incidiram sobre a presença de alteamento. Eis a tabela 01 abaixo:

Variante da Variável Dependente	Aplicação	Percentuais	Pesos Relativos
Presença de Alteamento ([ʔuku] - toco)	1834/4328	42%	.43
Ausência de Alteamento ([ʔoku] - toco)	2494/4328	58%	.58

Tabela 01: As variantes da variável dependente no município de Cametá

Do ponto de vista sociocultural, a partir desses percentuais, a situação de menos ocorrência de presença de alteamento é um forte indicio de como o homem amazônida vem sendo paulatinamente desprovido de sua identidade, fruto da não existência de uma política de planejamento linguístico no município de Cametá que contribua para o desenvolvimento de um bidialektismo extensivo (Bortoni, 2003), isto é, que o falante tenha acesso tanto à variedade padrão quanto às variedades populares, mas sem ser ideologicamente conduzido a perceber o seu dialeto como algo que deva ser substituído por uma variedade dita "melhor". A questão está em favorecer condições de ensino-aprendizagem em que o saber local seja tomado como acúmulo cultural de um povo, responsável pela sua existência e pela maneira de compreender a realidade que o cerca, do contrário corre-se o risco de se calar o homem e a mulher da Amazônia cametaense, via a castração de sua possibilidade de se constituir sujeito via linguagem.

Acrescente-se a isso, parafraseando Wetzels (1995), ao tratar da preservação da diversidade linguística e cultural dos povos indígenas, o fato de que falar na diminuição da marca dialetal de identidade de uma comunidade não é nada menos que, metaforicamente falando, dizer de forma atenuada que seus falantes nativos estão se extinguindo.

justamente porque o desenvolvimento local não considera essa tão expressiva diversidade lingüístico-cultural em Cametá, favorecendo, isto sim, um desorganizado e opressor processo de urbanização, que tende a marginalizar cada vez mais os menos favorecidos, alijando-os de um direito de cidadania essencial: a liberdade de expressão no seu dialeto.

4. O Alçamento, o gênero/sexo, os dados: o que se observou

A questão do gênero/sexo demonstrou-se de pouquíssima atuação para com a viabilização da presença do alçamento /o/ > [u]: um peso relativo de .50 tanto para homens quanto para mulheres e um percentual de 43% para aqueles e 42% para essas (tabela 02). Essa não-atuação, entretanto, nos informa bastante sobre a realidade lingüístico-social do município de Cametá.

Sexo	Aplicação	Percentuais	Pesos Relativos
Masculino	908/2132	43%	.50
Feminino	926/2196	42%	.50

Tabela 02: Sexo

Em primeiro lugar, evidencia-se que a menor ocorrência da variável presença de alçamento (ver tabela 01) é um fenômeno que já faz parte da vida de ambos os sexos do município cametaense, possivelmente fruto de um processo de escolarização que tende para um desprestígio das marcas dialetais do falante. Correlacionado a isso, revela-se que a sociedade cametaense é marcada por um uso mais formal da linguagem, no que se refere ao alçamento em estudo, haja vista que os homens, geralmente mais voltados para aspectos informais, acabam equiparando-se às mulheres na realização de variantes com prestígio social, assimilando, como as mulheres, uma maior consciência quanto ao status social de formas lingüísticas (Paiva, 2003).

Aliás, Sousa & Furtado (2005, inédito), em um estudo sobre atitudes de cametaenses acerca do alçamento /o/ > [u], a partir de 32 informantes estratificados socialmente, verificaram que, no município, as pessoas, sendo ínfima a diferença entre homens e mulheres, acreditam

que o usuário de formas como ['tuku] em lugar de 'toco' e ['puku] em lugar de 'pouco' são falantes de formas erradas do Português, numa clara demonstração de o quanto essa sociedade valoriza as formas conservadoras do Português em detrimento das variantes dialetais da região. Do estudo dessas pesquisadoras, constatou-se (cf. tabela 03) que 59% dos entrevistados, 10 mulheres e 09 homens, postulam que quem usa ['tuku] em lugar de 'toco', por exemplo, não fala bem, devendo utilizar outras formas, como 'toco', uma vez que se indagou aos informantes sobre a liberdade linguística do falante cametaense: 10 informantes, de um universo de 11, manifestaram-se pelo não uso de formas com alteamento; 05, de um universo de 10, pela realização de formas tanto com alteamento como não; e apenas 04, de um universo de 11, pela possibilidade de se continuar usando formas com alteamento.

A variável sexo e atitudes de cametaenses quanto ao alteamento [o] > [u] (Sousa & Furtado, 2005, inédito).	Aplicação	Percentuais
Quem usa ['tuku] em lugar de ['toco] não fala bem	19/32	59%
Informante masculino	09/16	56%
Informante feminino	10/16	63%
Quem usa ['tuku], por exemplo, deve buscar usar ['toco]	10/11	91%
Quem usa ['tuku], por exemplo, pode continuar usando essa forma juntamente com ['toco]	05/10	50%
Deve-se continuar usando ['tuku], por exemplo, normalmente	04/11	36%

Tabela 03: A variável sexo e atitudes de cametaenses quanto ao alteamento /o/ > [u] (Sousa & Furtado, 2005)

4.1. Gênero/sexo & Procedência

Em decorrência do cruzamento dos fatores gênero/sexo e procedência, observa-se que homens e mulheres da zona rural realizam mais o alteamento /o/ > [u] do que os da zona urbana; também se constata que as mulheres da zona rural alteiam 7% mais que os homens dessa mesma procedência, haja vista um percentual de 55% para aquelas e 48% para aqueles. Assim, as mulheres, na zona rural, apresentaram um percentual de 55% de presença de alteamento, ou seja, de 1.085 dados, 599 referem-se à presença da variável em exame, ao passo que na zona urbana o percentual cai drasticamente para apenas 29% de ocorrências – 327 dados de um total de 1.111 manifestações. Quanto aos homens, na zona rural, houve um percentual de 48% de ocorrências – 511 manifestações de 1.066 dados – contra somente 37% na zona urbana – 397 dados de 1.066 ocorrências. Eis o que se observa na tabela 04:

Fatores		Zona Urbana	Zona Rural
Masculino	Aplicação	397/1066	511/1066
	Percentual	37%	48%
Feminino	Aplicação	327/1111	599/1085
	Percentual	29%	55%

Tabela 04: Cruzamento entre os fatores gênero/sexo versus procedência

Os dados informam que a urbanização exerce uma maior pressão social para que homens e mulheres, de um modo geral, usem formas de prestígio, como um /o/ em desproveito de [u] em sílaba tônica, numa clara demonstração de repulsa a marcas que ideologicamente são postuladas como estigmatizadoras – na zona urbana, a presença de alteamento equivale não-somente a um percentual de 37% para os homens e 29% para mulheres, contra um índice maior na zona rural (tabela 04). Entretanto, é preciso se atentar para o fato de que, na zona urbana, as mulheres alteiam 8% menos que os homens, numa clara evidência de o quanto a sociedade ainda continua cobrando posturas mais voltadas para o uso de normas em linguagem por parte daquelas, talvez em decorrência de processos diferentes de escolarização/socialização para os dois gêneros. Por outro lado, o alto índice de alteamento na zona rural

revela que, nesse meio social, a sociedade não imprime tanto, do ponto de vista lingüístico, juízos de valor sobre o alteamento em exame, de modo que até as mulheres conseguem realizá-lo em maior escala que os homens, quando era de se esperar que aquelas, em decorrência de uma formação cultural voltada para o uso normativo, preferissem uma fuga ao uso de [u] em substituição a /o/ em posição tónica.

4.2 Gênero/sexo & Faixa Etária

Reveladores são os dados decorrentes do cruzamento entre gênero/sexo e faixa etária. Observa-se que, com relação aos homens da primeira faixa etária, há um percentual de 42% de alteamento (282 dados de um total de 676), decaindo na segunda faixa etária para apenas 24% (192 ocorrências de um total de 788), mas subindo, na terceira faixa etária, para 65% de manifestações da variante em exame (434 dados de um total de 668). Com relação às mulheres, há um crescimento no índice de alteamento no sentido da primeira faixa etária para a terceira: 32% na primeira faixa etária (199 ocorrências de um total de 629), 44% na segunda (388 dados de um total de 878) e 49% na terceira (339 dados de um total de 689), cf. tabela 05:

Fatores		15 a 25 anos	26 a 45 anos	46 em diante
Masculino	Aplicação	282/676	192/788	434/668
	Percentual	42%	24%	65%
Feminino	Aplicação	199/629	388/878	339/689
	Percentual	32%	44%	49%

Tabela 05: Cruzamento entre os fatores gênero/sexo versus faixa etária

A comparação entre os dados da primeira faixa etária revela que, nesse período, a juventude feminina tende a inibir o alteamento em exame, estando mais voltada para o uso da variante de prestígio. Seria uma fase em que as mulheres recebem uma educação muito mais alicerçada em valores normativos, havendo uma maior cobrança por atitudes mais reguladas socialmente, como o uso de construções lingüísticas de maior prestígio. Por outro lado, o índice de 10% mais de alteamento na juventu-

de masculina pode estar denotando o quanto, nessa fase, espera-se, culturalmente falando, que o homem lidere o uso de formas não prestigiadas socialmente, numa clara evidência de um papel social, historicamente construído, em que ao homem é possível o não seguir normas, sem que isso lhe cause maiores prejuízos sociais quanto às mulheres.

Com relação à comparação na segunda faixa etária (um percentual de 24% para os homens e 44% para as mulheres), é possível que um menor índice de alteamento para os homens dessa faixa etária (20% menos de alteamento em relação às mulheres) deva-se ao fato de estes estarem mais envolvidos nas relações institucionais de trabalho, havendo uma maior exigência por formas de prestígio lingüístico, enquanto que as mulheres, ainda um pouco longe desse mercado, não se sentem pressionadas a evitarem a variante presença de alteamento.

Na terceira faixa etária, estabelecida a comparação (65% para os homens e 49% para as mulheres), pode-se inferir que, já estabilizado do ponto de vista profissional, por exemplo, o homem tende a utilizar a forma desprestigiada socialmente, enquanto as mulheres, na busca por uma maior participação social, são pressionadas a inibirem a variante resultante de alteamento, estigmatizada no município de Cametá. Há uma fuga à variante que possa imputar-lhes desprestígio social.

Comparando-se os dados na horizontalidade da faixa etária, é possível que o crescimento no índice de alteamento deva-se a uma maior participação social da mulher, caracterizando *uma forma de se impor diante das regras, padrões que foram, e até hoje lhe são impostos pela sociedade* (cf. Oliveira, 2002, p.100). Com relação aos homens, explica-se o índice de 42% na primeira faixa etária pela busca de afirmação social, como exposto no segundo parágrafo; a queda para 24% resultaria da maior inserção destes no mercado de trabalho, conforme o terceiro parágrafo; o aumento na terceira faixa etária poderia ser explicado pelo exposto no quarto parágrafo deste cruzamento.

4.3. Gênero/sexo & Escolaridade

Os dados revelam que a escola, quer em relação aos homens quer em relação às mulheres, exerce um preponderante papel no sentido de favorecer uma maior ocorrência da variante presença de alteamento, marca de identidade do amazônida cametaense. Tanto é verdade que, considerando os homens, o analfabeto realiza um percentual de 74% dos dados (526 ocorrências de um total de 714 manifestações), decaindo para 32% de ocorrências no Ensino Fundamental (216 dados de um total

de 694) e para apenas 23% no Ensino Médio (166 ocorrências de 734 dados). Fato semelhante também se observa com relação às mulheres: a categoria analfabeto realiza 61% de ocorrências (389 dados de um total de 635 ocorrências), decaindo para 42% no Ensino Fundamental (348 dados de um total de 833 manifestações) e para tão-somente 26% no Ensino Médio (189 ocorrências de 728 dados). Eis a tabela 06 abaixo:

Fatores		Analfabeto	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Masculino	Aplicação	526/714	216/684	166/734
	Percentual	74%	32%	23%
Feminino	Aplicação	389/635	348/833	189/728
	Percentual	61%	42%	26%

Tabela 06: Cruzamento entre os fatores gênero/sexo versus escolaridade

Comparando os dados, é possível postularmos que as mulheres estão se impondo mais à normatização lingüística por parte da escola do que os homens, haja vista que apresentam 42% de ocorrências da variante presença de acento no Ensino Fundamental e 26% no Ensino Médio, enquanto que os homens apresentam uma menor ocorrência em relação a essas: 32% no Ensino Fundamental e 23% no Ensino Médio. Parece-me que os dados evidenciam, pois, maior participação social das mulheres, no sentido de se imporem diante dos valores lingüísticos de ordem normativa. Entretanto, a menor ocorrência de acento entre as mulheres analfabetas (61%), face a maior ocorrência entre os homens com esse mesmo nível de escolaridade (74%), pode ser explicado em virtude de, longe da escola, a mulher sentir a necessidade de seguir mais as normas, a fim de não prejudicar a sua face pública. Com a escolarização, a mulher tende a superar os homens quanto ao uso de variantes estigmatizadas socialmente, impondo-se cada vez mais diante das regras culturalmente impostas pela sociedade.

4.4 Gênero/sexo & Natureza da Intensidade

De efeito considerável são também os resultados decorrentes do cruzamento entre o gênero/sexo e a natureza da intensidade. Os dados revelam que homens e mulheres realizam consideravelmente o acento em

posição pré-tônica ([ku'léga] para 'colega'), onde, como já se sabe, não se constitui objeto de estigmatização (cf. Callou & Leite, 1999), diminuindo drasticamente em posição tônica, uma vez que, no Pará, essa posição é tida como caracterizadora de preconceito linguístico (cf. Cassique, 2003). Na pré-tônica, os dados revelam 70% de ocorrências tanto para homens quanto para mulheres (para os homens, são 279 ocorrências de um total de 400 dados; para as mulheres, 337 ocorrências de 481 dados). Na tônica ([ˈuku] para 'toco'), os homens realizam apenas 36% de ocorrências (629 dados de um total de 1732 manifestações) e as mulheres somente 34% (589 dados de um total de 1715 manifestações), cf. tabela 07 abaixo:

Fatores		Tônica	Pré-Tônica
Masculino	Aplicação	629/1732	279/400
	Percentual	36%	70%
Feminino	Aplicação	589/1715	337/481
	Percentual	34%	70%

Tabela 07: Cruzamento entre os fatores gênero/sexo versus natureza da intensidade

Já se havia constatado que homens e mulheres, metaforicamente falando, fogem à variante presença de alteamento, conforme os demais cruzamentos. E afirma-se agora, diante dos dados, que essa fuga será muito maior diante do alteamento que se der em posição tônica, numa clara evidência de o quanto os dois gêneros vêm, historicamente, sendo orientados a inibirem qualquer marca de identidade linguística que, ideologicamente construída como de menor prestígio, possa significar prejuízo para a face pública dos mesmos.

Considerações Finais

Observou-se que a escolarização e a urbanização, sem uma política linguística voltada para a inclusão de marcas de identidade do amazônida canetaense, tende a favorecer o preconceito linguístico tanto por parte dos homens quanto por parte das mulheres.

As diferenças quanto à presença de alteamento observadas entre homens e mulheres decorrem do cruzamento do fator gênero/sexo com

os fatores procedência, faixa etária e escolaridade. Assim, por exemplo, a zona rural tende a mais favorecer o alçamento tanto em homens quanto em mulheres, bem como que esse fenômeno é mais estigmatizado, por qualquer gênero, em posição tônica. Constatou-se também que as mulheres, a partir da escolarização, tendem a utilizar mais que os homens a variante estigmatizada, numa possível evidência de o quanto as mesmas estão impondo-se diante de valores sociais pré-estabelecidos.

Os dados também revelaram que os papéis sociais desempenhados na sociedade, em função da faixa etária, podem contribuir para o uso ou não da variante presença de alçamento. Do exposto, fica a tese de que o valor que homens e mulheres atribuem a formas diferentes de linguagem não é algo inato, mas produto de uma formação cultural que tende a estabelecer padrões diferenciados de comportamentos, os quais, entretanto, podem ir sofrendo modificações à medida que novas atitudes vão sendo tomadas no seio de uma comunidade, como quando as mulheres passam a se impor diante de normas pré-estabelecidas, que só tendem a estigmatizar o ser humano.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUNÇÃO, Marthia Pantoja & COSTA, Raquel Maria da Silva. *O alçamento [o] > [u] no falar do analfabeto das ilhas de Cametá: um exercício variacionista*. Cametá: UFPA/CUNTINS, 2003.
- ADVES, Sônia Célia de O. Diferenciação sexual na linguagem: o caso de estruturas de modalização na fala feminina. In: Moura. *Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras / UFPA*, Belém, n. 1, 01-26, mar./set., 1993.
- BORTONI, Stella Maris. Variação lingüística e atividades de letramento em sala de aula. In: KLEIMAN, B. Angela. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yvonne. *Introdução à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASSIQUE, Orlando. *Tamboaras do Iteporá: relatório técnico científico*. Belém: UFPA/PROESP/CLA, 1995.

- CASSIQUE, Orlando. *Camua d'ria de curus: relatório do projeto de pesquisa Diaos fonéticos do dialeto interiorano da Amazônia Paraense no português falado na Cidade de Breves-PA: uma perspectiva variacionista*. Belém: UFPA/PRO-PESP, 2003.
- CASSIQUE, Orlando. *Memias Bunita Minúsa... oltus esverdeadas: estudo variacionista da nasalidade vocálica pré-tônica no português de Breves-Pará*. Tese de Mestrado. Belém: UFPA, 2001.
- CRUZ, Regina Fernandes. *O som da fala dos pescadores de Cametá*. Tese de Mestrado. Florianópolis: UFSC/CCE, 1992.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Censo Demográfico Cametá, 2000.
- LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Trad. José Miguel Marinas. Madrid: Cátedra, 1983.
- MARTINET, André. *Economia de los cambios fonéticos: tratado de fonología diacrónica*. Trad. Alfredo de la Fuente Arranz. Madrid: Editorial Gredos, Biblioteca Románica Hispánica, 1974.
- NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional*. 5.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e fonologia*. 6.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1960.
- OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Apagamento e Manutenção do /r/ Final de Vocábulo na Fala de Itaituba - Pará, 2003. In: RAZKY, Abdelhak (Org.). *Estudos Geo-Sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém, 2003.
- RODRIGUES, Doriedson S. *Marcadores Gramaticais: jeitosa falar dos negros do Itapocri*. Trabalho de Conclusão de Curso. Cametá: UFPA/CUN-TINS, 1998.
- RODRIGUES, Doriedson S. *Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: o alçamento /a/ > [a] no português falado no município de Cametá/Paraense - uma abordagem variacionista*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA/CML, 2005.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SCHIERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony Julius. *Análise quantitativa e típicas de interpretação do Várbulo*. In: MOLLICA, Maria Ce-

eliza & BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

WITZELS, Leo. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

VIEIRA, Maria de Nazaré. *Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia, morfologia*. Belém: UFPA/PROPESP, 1983.